

Pacto narcísico e subjetividade descartável nas infâncias

Sara Wagner York¹

Recebido em: 29/04/2026 Aceito em: 30/06/2026

Resumo

Este artigo examina a contradição estrutural entre o projeto tecnocrático de imortalidade inscrito na Singularidade de Ray Kurzweil e a condição de *subjetividade descartável* (YORK, 2026) que caracteriza as infâncias trans e travesti no contexto ocidental contemporâneo. Mobilizando a psicanálise de Piera Aulagnier — em especial o conceito de violência da interpretação e o pacto narcísico — articulada ao narcisismo freudiano e à transepistemologia de Sara Wagner York, o artigo argumenta que a promessa tecnológica de uma vida infinita opera como sintoma de um pacto narcísico que distribui desigualmente o direito à existência, enquanto certos corpos são projetados para além da morte, outros são produzidos como descartáveis desde o berço. A depressão endêmica e as configurações borderline que marcam as infâncias trans são lidas aqui não como patologias individuais, mas como efeitos clínicos de uma violência interpretativa que antecede o nascimento do sujeito.

Palavras-chave: violência da interpretação; pacto narcísico; singularidade tecnológica; infâncias trans; subjetividade descartável; transepistemologia.

Narcissistic pact and disposable subjectivity in childhoods

Abstract

This article examines the structural contradiction between the technocratic project of immortality inscribed in Ray Kurzweil's Singularity and the condition of disposable subjectivity (YORK, 2026) that characterizes trans and *travesti* childhoods in the contemporary Western context. Mobilizing Piera Aulagnier's psychoanalysis — specifically the concepts of violence of interpretation and the narcissistic pact —, articulated with Freudian narcissism and Sara Wagner York's transepistemology, the paper argues that the technological promise of an infinite life operates as a symptom of a narcissistic pact that unequally distributes the right to existence: while certain bodies are projected beyond death, others are

¹ Doutora em Educação (UERJ), pós-doutoranda em Semiótica (UNESP), psicanalista e mestranda em Psicanálise e Políticas Públicas (UERJ). Autora de *Programa de Travesti* (2026), possui trajetória internacional de destaque, com passagem pela University of Pittsburgh e docência convidada na Vanderbilt, Dayton e Ohio State University. É especialista em Gênero e Sexualidades e graduada em Letras, Pedagogia, Jornalismo e Biomedicina. Pioneira como a primeira travesti a ancorar jornalismo no Brasil, atua na intersecção entre Educação, Mídia e Saúde. Foi co-fundadora da CIPAAI/UERJ e pesquisadora do Ambulatório Identidade (UERJ). Atualmente, integra grupos de trabalho no Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC). Reconhecida nacionalmente, foi eleita um dos principais nomes trans pela BillboardBr e é recipiente de múltiplas honrarias, como a Medalha Chiquinha Gonzaga, o Prêmio Antonieta de Barros e o Troféu Luiz Gama Esperança Garcia. Colunista Brasil 247.

produced as disposable from the cradle. The endemic depression and *borderline* configurations that mark trans childhoods are read here not as individual pathologies, but as clinical effects of an interpretative violence that precedes the birth of the subject.

Keywords: violence of interpretation; narcissistic pact; technological singularity; trans childhoods; disposable subjectivity; transepistemology.

Pacto narcísico y subjetividad descartable en las infancias

Resumen

Este artículo examina la contradicción estructural entre el proyecto tecnocrático de inmortalidad inscrito en la Singularidad de Ray Kurzweil y la condición de subjetividad descartable (YORK, 2026) que caracteriza a las infancias trans y travestis en el contexto occidental contemporáneo. Movilizando el psicoanálisis de Piera Aulagnier —en especial los conceptos de violencia de la interpretación y pacto narcísico—, articulado al narcisismo freudiano y a la transepistemología de Sara Wagner York, el artículo argumenta que la promesa tecnológica de una vida infinita opera como síntoma de un pacto narcisista que distribuye desigualmente el derecho a la existencia: mientras ciertos cuerpos son proyectados más allá de la muerte, otros son producidos como descartables desde la cuna. La depresión endémica y las configuraciones *borderline* que marcan a las infancias trans son leídas aquí no como patologías individuales, sino como efectos clínicos de una violencia interpretativa que antecede al nacimiento del sujeto.

Palabras clave: violencia de la interpretación; pacto narcisista; singularidad tecnológica; infancias trans; subjetividad descartable; transepistemología.

O Pacto Narcísico e Sua Majestade o Bebê

Freud, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), descreve com precisão clínica e ironia discreta o que os pais fazem quando olham para seus filhos recém-nascidos: projetam neles tudo aquilo que o narcisismo adulto foi obrigado a abandonar. A criança deve ser o que os pais não puderam ser; deve realizar o que os pais não realizaram; deve ser poupada das limitações — a doença, a morte, a renúncia ao prazer, a subordinação às leis sociais — que constrangeram a vida dos próprios genitores. Freud chama essa criança de Sua Majestade o Bebê, um soberano imaginário de um reino que nunca existiu, suporte de um investimento narcísico que é, antes de qualquer coisa, investimento dos pais em si mesmos através do filho.

Piera Aulagnier (1975) aprofunda e radicaliza essa intuição freudiana ao propor o conceito de violência da interpretação. Para Aulagnier, antes mesmo de a criança poder enunciar qualquer coisa sobre si mesma, ela já foi interpretada: o discurso parental — e, através dele, o discurso social mais amplo — já lhe atribuiu um sexo, um gênero, um destino, um nome, um lugar na cadeia geracional. Essa interpretação antecipadora é, em certo grau, inevitável e necessária, sem ela, não há constituição subjetiva possível, pois o infans necessita de um outro que lhe dê sentido antes que ele possa produzir sentido por conta própria. Aulagnier nomeia essa dimensão necessária de violência primária.

O problema — e aqui está o nó clínico-político que este artigo explora — é que Aulagnier distingue a violência primária da violência secundária, aquela que excede a necessidade fundante e se torna imposição sistemática, recusa do direito do sujeito a se apropriar de sua própria enunciação, negação do acesso ao "eu" como lugar de fala. A violência secundária não constitui o sujeito — ela o captura, o imobiliza, o impede de devir.

O pacto narcísico que Aulagnier (1975) descreve como estruturante das sociedades ocidentais funciona a partir de uma lógica de investimento geracional: a sociedade investe narcisicamente em seus filhos na condição de que esses filhos confirmem a continuidade do conjunto. Essa lógica não é neutra do ponto de vista epistemológico: como lembram Schwartzmann e Silva (2022, p. ii):

"As escolhas teóricas e metodológicas, a constituição do *cópus*, são o exercício de atores sociais (pesquisadores, docentes, teóricos) que fazem, estes sim, certas escolhas. Nos seus gestos é que se encontram as tendências mais abertas ou mais fechadas, mais da ordem da mistura ou mais da ordem da triagem, que podem indicar conjuntos de valores (ideologias, formas de vida) sobre um ideal de pesquisa" (SCHWARTZMANN; SILVA, 2022, p. ii)

O grupo — a família, a nação, a espécie — empresta ao recém-chegado um lugar pré-formatado; em troca, espera que ele ocupe esse lugar, que ele seja o espelho no qual o narcisismo coletivo se reconhece e se perpetua.

René Kaës (1993) amplia e tensiona essa formulação ao mostrar que o pacto narcísico não é apenas uma operação entre pais e filhos — é uma aliança inconsciente e defensiva que atravessa todo vínculo grupal. Para Kaës, o grupo se sustenta por meio da denegação sistemática de diferenças e conflitos, o que ameaça a coesão coletiva é recalcado, silenciado, expulso. Diferente do contrato — que pressupõe partes que negociam a partir de posições reconhecidas — o pacto impõe uma paz forçada, uma exigência de coincidência narcísica perfeita. Ele não

convida à singularidade, ele a interdita. A transmissão que o pacto opera entre gerações não é apenas de valores e de linguagem — é também de violência, de exigências não elaboradas, de fantasias que o grupo não pôde ou não quis reconhecer como suas. O recém-chegado herda, assim, não apenas um nome e um lugar, mas também os silêncios que o grupo precisou produzir para continuar existindo.

É nessa articulação entre Aulagnier e Kaës que a situação das infâncias trans se torna analiticamente legível em toda a sua brutalidade. O pacto narcísico familiar e social já interpretou esse corpo antes do nascimento — atribuiu-lhe gênero, destino, posição na cadeia simbólica. Quando a criança recusa ou não pode sustentar essa interpretação, ela não apenas decepciona expectativas individuais: ela rompe o pacto coletivo, ameaça a coesão do grupo, expõe o que o vínculo precisava denegar para funcionar. A violência que se abate sobre ela não é, portanto, acidental nem meramente individual — é a violência do pacto defendendo a si mesmo.

Mas o que acontece quando a criança não pode, ou não quer, ocupar esse lugar? Quando seu corpo, seu desejo, sua identidade de gênero recusam a continuidade que o pacto exige?

Sintoma e Singularidade como Projeto Narcísico

É aqui que a figura de Kurzweil adquire seu valor analítico. A Singularidade não é apenas uma previsão tecnológica — é uma formação ideológica que carrega, em sua estrutura, uma versão hipertrofiada do narcisismo que Freud descreveu, Aulagnier sistematizou e Kaës situou no interior das alianças coletivas. Kurzweil quer viver para sempre. Mais do que isso, ele acredita que a morte pode ser recodificada como problema técnico, como bug de um sistema que, corrigido, produziria vida indefinida. O corpo biológico — mortal, frágil, sujeito à doença e ao envelhecimento — é tratado como versão deficitária de um substrato que a tecnologia poderá, eventualmente, superar.

Essa recusa da finitude não é nova na história do pensamento ocidental — ela atravessa desde o projeto platônico de imortalidade da alma até as fantasias transhumanistas contemporâneas. O que Kurzweil acrescenta é a matematização dessa recusa, a Lei dos Retornos Acelerados (Kurzweil, 2005) transforma a esperança de imortalidade em curva exponencial, em inevitabilidade calculável. A morte não é mais uma questão metafísica ou teológica — é um problema de engenharia ainda não resolvido - mas estamos mais próximos que nunca.

Do ponto de vista aulagneriano, o projeto kurzweiliano é a realização mais literal e mais delirante da fantasia de Sua Majestade o Bebê. A criança que os pais imaginaram poupada de

todas as leis da natureza tornou-se, aqui, um adulto que efetivamente pretende derrogar a lei fundamental da biologia. O narcisismo que Freud descrevia como investimento parental — ilusório, mas humanamente compreensível — reaparece em Kurzweil como projeto civilizatório, sustentado por capital de risco, laboratórios farmacológicos e a infraestrutura cognitiva do capitalismo tecnológico avançado.

Lido pela ótica de Kaës, a Singularidade revela sua dimensão de pacto narcísico em escala civilizatória. Schwartzmann e Silva (2022, p. iv) perguntam se

"Podemos nós descrever e explicar as práticas sociais que estabelecem os princípios de hierarquização das identidades em meio aos diversos 'sistemas sociais', como os sistemas econômicos (o capitalismo), a sociedade de classes (a burguesia), a indústria, o comércio, a literatura, entre outros, produzindo uma maior tensão na fronteira entre o 'si mesmo' e 'outro'" (SCHWARTZMANN; SILVA, 2022, p. iv).

Não se trata apenas da fantasia individual de um inventor excêntrico — trata-se de uma aliança inconsciente produzida e sustentada por um grupo específico, aquele que, no interior do capitalismo tecnológico do Norte Global, detém os recursos materiais e simbólicos para transformar o desejo de imortalidade em agenda de pesquisa, em produto, em horizonte político. Esse grupo se coesa precisamente pela denegação de tudo aquilo que ameaça sua fantasia de continuidade, a finitude, a diferença, a multiplicidade de formas de existir e de morrer que a maioria dos corpos do planeta encarna cotidianamente. O pacto que sustenta a Singularidade exige coincidência narcísica — e expulsa, silencia ou simplesmente ignora os corpos que não se encaixam em seu espelho. A paz que ele produz é, no sentido kaësiano, uma paz forçada, a violência das infâncias trans, das populações descartáveis, das existências que não entram na curva exponencial não aparece como contradição do projeto — ela é a condição não dita de sua possibilidade.

Mas para quem é prometida essa imortalidade? A Singularidade de Kurzweil pressupõe um sujeito, a saber, branco, masculino, detentor de acesso às biotecnologias de ponta, localizado nos centros de produção tecnológica do Norte Global. Ela não é uma promessa universal — é uma promessa endereçada a um corpo específico, aquele que o pacto narcísico ocidental reconheceu, desde sempre, como digno de perpetuação. O projeto de viver para sempre é, estruturalmente, um projeto de alguns viverem para sempre — e isso implica, necessariamente, que outros continuem morrendo cedo.

Dois Futuros, Um Mesmo Presente

Em 2045, segundo Ray Kurzweil (2005), a Inteligência Artificial terá ultrapassado em bilhões de vezes a capacidade cognitiva de toda a humanidade reunida. Nesse horizonte que ele denomina Singularidade, a fronteira entre o biológico e o tecnológico se dissolverá, assim, nanobôs circularão no sangue humano reparando células, a morte será recodificada como um "erro de sistema" corrigível, e a consciência poderá ser, em última instância, transferida para substratos não-orgânicos. Kurzweil não apenas prevê esse futuro — ele o deseja para si mesmo, ingerindo centenas de suplementos diários na esperança de viver o suficiente para alcançá-lo.

No mesmo presente em que essa promessa é formulada e amplamente celebrada nos centros tecnológicos do capitalismo global, uma criança travesti no Brasil aprende, antes de aprender a ler, que seu corpo é um problema. Aprende que o amor parental vem condicionado a uma performance de gênero que ela não reconhece como sua. Aprende que sua existência futura — caso sobreviva à adolescência, à rua, à violência policial, ao abandono familiar — será contada em estatísticas de expectativa de vida que a situam décadas abaixo da média nacional.

Dois futuros habitam o mesmo presente histórico, o futuro da imortalidade prometida pela singularidade tecnológica e o futuro negado pela subjetividade descartável (York, 2026) que organiza a vida e a morte de corpos trans desde a infância. Esse contraste não é acidental — é estrutural. Ele é produzido e sustentado por um mesmo mecanismo, o pacto narcísico que, na formulação articulada de Aulagnier (1975) e Kaës (1993), distribui desigualmente o direito à existência, à continuidade e ao reconhecimento. O pacto investe em certos corpos o direito de durar — e retira de outros, antes mesmo que possam falar por si, a possibilidade de ser reconhecidos como sujeitos dignos de futuro. A Singularidade e a subjetividade descartável não são opostos que se ignoram, são os dois lados de uma mesma aliança inconsciente, de uma mesma denegação coletiva que precisa produzir corpos descartáveis para sustentar a fantasia de corpos imortais. É o que este artigo pretende demonstrar, a partir da psicanálise de Piera Aulagnier e René Kaës como instrumental clínico-político central.

Subjetividade Descartável

York (2026) cunha o conceito de *subjetividade descartável* para nomear o processo pelo qual certos corpos são produzidos, desde o início de suas trajetórias, como matéria de uso temporário — existências que o sistema pode consumir e eliminar sem que isso configure, para o regime de visibilidade dominante, uma perda significativa. A subjetividade descartável não é apenas um efeito da violência explícita; ela é, antes disso, um efeito da violência interpretativa

que Aulagnier (York, 2026) teorizou, o corpo trans ou travesti é interpretado, antes de poder se enunciar, como erro, como desvio, como problema a ser corrigido ou eliminado.

O pacto narcísico que Aulagnier (1975) descreve como condição de pertencimento à ordem simbólica funciona, para as infâncias trans e travesti, como exclusão constitutiva, elas são convocadas a ocupar um lugar no pacto geracional — o lugar do filho ou da filha que confirmará a continuidade da família, do gênero, da espécie —, mas são incapazes de ocupá-lo nos termos em que ele é oferecido. Sua recusa não é voluntária nem consciente; é, antes, uma recusa do corpo, do desejo, da percepção de si que antecede qualquer decisão deliberada.

A violência secundária, no sentido de Aulagnier, se instala exatamente nesse ponto, quando o discurso parental e social não apenas interpreta antecipadamente a criança — o que seria violência primária inevitável —, mas recusa sistematicamente qualquer renegociação dessa interpretação, qualquer abertura para que a criança se apodere de sua própria enunciação. A criança travesti que diz "eu sou menina" e encontra, em resposta, não a abertura de um campo de sentido possível, mas a repetição exaustiva de uma interpretação contrária — "você é menino", "isso é fase", "você foi corrompido" — está sendo submetida a uma violência secundária que Aulagnier descreve como potencialmente estruturante de patologias graves. Compreender esse processo exige, como propõem Schwartzmann e Silva (2022, p. iv),

"São essas práticas que passam aqui a ser objeto de estudo e de reflexão, na tentativa de trazer luz aos mecanismos discursivos e semióticos que hierarquizam as vidas — muitas vezes a nossas próprias vidas — e nos exigem esgarçar os limites da pesquisa, da análise e da teoria em um amplo exercício de comprometimento" (SCHWARTZMANN; SILVA, 2022, p. iv).

Não há análise inocente diante de vidas que o pacto narcísico produziu como descartáveis. É nesse contexto que a depressão endêmica e as configurações borderline que marcam desproporcionalmente as trajetórias de pessoas trans e travestis — já na infância e na adolescência — precisam ser lidas. Não como fragilidades constitutivas desses sujeitos, não como efeitos de uma "confusão de identidade" que a clínica deveria resolver pela via da normalização, mas como respostas subjetivas a uma condição objetiva de violência interpretativa sistemática. O borderline — que a literatura clínica descreve em termos de instabilidade identitária, dificuldade de regulação afetiva, vivência de vazio e medo de abandono — é, nessa leitura, o negativo fiel de uma infância em que o pacto narcísico foi oferecido e simultaneamente retirado, a criança foi investida narcisicamente pelos pais, mas sob a condição de que ela negasse o que é. O vínculo foi construído sobre uma interpretação violenta que a criança não pode aceitar sem se destruir, mas que também não pode recusar sem perder o amor.

Aceleração e Descarte, A Lei dos Retornos e a Distribuição da Morte

A Lei dos Retornos Acelerados de Kurzweil (2005) afirma que o ritmo de desenvolvimento tecnológico não é linear, mas exponencial, cada avanço cria as condições para que o próximo avanço seja maior e mais rápido. Demorou milênios para que a humanidade passasse da roda ao automóvel; demorou décadas para que passasse do primeiro voo ao pouso na Lua. A aceleração é a lógica do sistema.

Transposta para o campo das desigualdades sociais, essa lógica adquire um caráter perturbador, a aceleração do desenvolvimento tecnológico não distribui seus benefícios de maneira homogênea — ela os concentra, amplificando as assimetrias existentes. Enquanto o capital tecnológico avança na promessa de estender indefinidamente a vida de alguns, a violência que encurta a vida de outros também se acelera. A expectativa de vida de uma mulher travesti no Brasil e sofrer violências, não é uma anomalia estatística, é o produto de um sistema que distribui diferencialmente o direito à longevidade segundo linhas de raça, gênero e classe.

"As novas condições de trabalho, as mudanças no conceito de família, de identidade, de corpo e de afetividade, a ética das relações digitais, as práticas educacionais e de produção de cultura devem nos fazer repensar que papel as ciências do sentido podem hoje desempenhar" (SCHWARTZMANN; SILVA, 2022, p. iii).

A semiótica implicada responde a esse chamamento quando recusa tratar esses dados como exteriores à análise. Kurzweil e a travesti brasileira habitam o mesmo presente histórico, mas futuros radicalmente diferentes. Um projeta sua consciência para além da morte biológica; a outra é produzida como sujeito sem futuro desde a infância. Essa assimetria não é acidental em relação ao projeto transhumanista — ela é sua condição de possibilidade. A promessa de imortalidade para alguns pressupõe, estruturalmente, a descartabilidade de outros, é o mesmo pacto narcísico que Aulagnier descreveu em escala civilizatória, onde o grupo investe em sua própria perpetuação às custas da exclusão daqueles que não confirmam sua imagem.

York (2026), ao teorizar o *transepistemicídio* — o assassinato sistemático dos saberes produzidos por corpos dissidentes —, nomeia a dimensão epistêmica desse processo, não se destrói apenas a vida das travestis, destrói-se também o saber que elas produzem sobre si mesmas e sobre o mundo. A singularidade tecnológica, como projeto de preservação e amplificação de uma forma específica de cognição humana, é também, nesse sentido, um projeto de *transepistemicídio* em escala algorítmica, os sistemas de IA são treinados majoritariamente em dados que reproduzem as perspectivas dos corpos que o pacto narcísico ocidental reconheceu como fontes legítimas de conhecimento.

O Que a Psicanálise Deve ao Corpo Trans

A psicanálise tem uma dívida histórica com as existências trans e travestis que este artigo não pode liquidar, mas precisa nomear. Durante décadas, o dispositivo psicanalítico funcionou como instrumento de patologização dessas existências: a transexualidade foi lida como psicose, como recusa da castração, como distúrbio narcísico a ser tratado pelo retorno à identificação com o gênero atribuído ao nascimento. A violência da interpretação que Aulagnier teorizou foi, em muitos consultórios, perpetrada em nome da própria psicanálise.

A recuperação produtiva de Aulagnier para uma clínica transformativa — que não se confunde com uma clínica afirmativa de consumo, mas com uma prática que recusa a violência secundária como dispositivo terapêutico — exige que o conceito de violência da interpretação seja voltado contra seus próprios usos normativos. Se a violência primária é inevitável e constitutiva, a violência secundária é histórica e, portanto, transformável. O consultório que reproduz, em nome da escuta, a interpretação que a família já impôs à criança trans não está realizando psicanálise — está realizando, com verniz clínico, a mesma operação de captura subjetiva que produziu o sofrimento que o paciente trouxe. A mesma exigência se coloca para a teoria: Schwartzmann e Silva (2022, p. iv) perguntam

"Há enfrentamentos quanto a discursos e práticas discriminatórios e uma efetiva crise social que faz ser um jeito de ser e fazer ciência, sobretudo, no Brasil. Que movimentos faz, então, a teoria semiótica, nas suas múltiplas perspectivas, quando pensada como um fazer engajado e, portanto, político" (SCHWARTZMANN; SILVA, 2022, p. iv).

A depressão e o borderline que caracterizam tantas trajetórias trans não são enigmas clínicos que a psicanálise deve resolver sem se perguntar sobre suas causas políticas. São sintomas de uma condição social específica — a da subjetividade descartável — que a clínica pode acolher, mas que apenas a transformação das condições que a produzem pode, em última instância, tratar. York (2026) insiste que o saber clínico-político sobre as infâncias trans não pode ser produzido apenas por quem as observa de fora: precisa ser produzido, fundamentalmente, por quem as habitou e sobreviveu para teorizá-las.

Concluir Contra a Singularidade do Descarte

Este artigo propôs um confronto deliberado entre duas figuras do contemporâneo: Kurzweil como vidente de um futuro prometido a alguns, e a infância trans como sujeito ao qual o futuro é sistematicamente negado. Esse confronto não é retórico — é analítico. Ele revela

a estrutura de um pacto narcísico que Freud intuiu, Aulagnier sistematizou e York nomeou em suas consequências mais radicais, um pacto que distribui desigualmente o direito à existência, ao futuro, ao reconhecimento, ao saber.

A singularidade tecnológica de Kurzweil é o narcisismo de *Sua Majestade o Bebê* elevado à potência civilizatória: a recusa definitiva da finitude, o projeto de tornar permanente aquilo que o pacto narcísico já prometeu — que certos corpos não precisarão obedecer às leis da natureza e da sociedade. A subjetividade descartável das infâncias trans é o avesso exato dessa promessa: o que o pacto narcísico recusa investir, o que é produzido como resto, como erro, como vida sem projeto de futuro.

Entre esses dois polos, a psicanálise de Aulagnier oferece não um consolo, mas um diagnóstico: a violência da interpretação que constitui — e, em seu excesso, destrói — o sujeito é histórica, contingente, transformável. O que foi violentamente interpretado pode ser, com trabalho clínico e político, reinterpretado. O sujeito a quem foi negada a posse de sua própria enunciação pode, em condições outras, recuperá-la.

Esse é o projeto que a transepistemologia de York (2026) sustenta, não apenas teorizar a condição das infâncias trans, mas devolver a essas infâncias o direito de se enunciarem como produtoras de saber sobre si mesmas e sobre o mundo. Contra a singularidade do descarte — contra o sistema que acelera a imortalidade de alguns e a morte de outros —, o que se propõe é uma outra aceleração, a dos saberes que o *transepistemicídio* tentou destruir e que resistem, teimosamente, em corpos que sobreviveram para contar.

Referências

AULAGNIER, Piera. *La violence de l'interprétation: du pictogramme à l'énoncé*. Paris: PUF, 1975.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: _____. *Obras Completas*, v. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1914].

KAËS, René. *As alianças inconscientes*. Tradução de Sônia Bleicher. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

KURZWEIL, Ray. *The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology*. New York: Viking, 2005.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Romper, desviar, desafiar: reflexões por uma semiótica implicada. *Estudos Semióticos* [online], v. 18, n. 3, p. i-viii, dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 22 abr. 2026.

SILVA, Mariah Rafaela; YORK, Sara Wagner. Vigilantismo e periferização smart. *Revista Estudos Feministas*, 2025.

YORK, Sara Wagner. *Programa de travesti: educação & mídia*. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2026.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais insubmissas travesti. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 2, 2020.

YORK, Sara Wagner; SEPULVEDA, Denize. Injustiça algorítmica e subjetividades dissidentes. *Revista Espaço do Currículo*, v. 15, n. 3, 2022.